



LES PACIFIQUES (1914) DE HAN RYNER: UTOPIAS ANTIAUTORITÁRIAS E ANARQUISMO INDIVIDUALISTA

Gilson Leandro Queluz
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
gqueluz@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a obra *Les Pacifiques (Os Pacíficos)* de Han Ryner, publicada em 1914, procurando ressaltar as interseções entre utopias literárias antiautoritárias e anarquismo individualista. A utopia libertária imaginada foi instaurada na ilha de Atlântida e é caracterizada pela ausência do estado, pela inexistência de propriedade privada, pelo compartilhamento de bens, por uma tecnologia avançada, pelo amor livre e pela coexistência harmônica entre os seres humanos e a natureza. Esta utopia apresenta uma dimensão política educativa em sua própria organização, mas também se constitui em espaço de demonstração de experimentos educacionais libertários. O deslocamento trazido pelo estranhamento cognitivo provocado por esta sociedade igualitária, calcada na filosofia individualista da harmonia preconizada por Ryner, possibilita uma crítica radical e irônica à civilização europeia e ao capitalismo, no momento que se apresenta no horizonte a I Guerra Mundial.

Palavras-chave: Han Ryner. *Les Pacifiques*. Anarquismo individualista. Utopias libertárias.

LES PACIFIQUES (1914) DE HAN RYNER: UTOPIAS ANTIAUTORITARIAS Y ANARQUISMO INDIVIDUALISTA

RESUMEN

El propósito de este artículo es reflexionar sobre *Les Pacifiques* de Han Ryner, publicado en 1914, buscando resaltar las intersecciones entre las utopías literarias antiautoritarias y el anarquismo individualista. La utopía libertaria imaginada se instauró en la isla de la Atlántida y se caracteriza por la ausencia del Estado, la ausencia de propiedad privada, el compartir bienes, la tecnología avanzada, el amor libre y la convivencia armoniosa entre el ser humano y la naturaleza. Esta utopía tiene una dimensión política educativa en su propia organización, pero también constituye un espacio de demostración de experimentos educativos libertarios. El desplazamiento que trae consigo el extrañamiento cognitivo provocado por esta sociedad igualitaria, basada en la filosofía individualista de la armonía defendida por Ryner, permite una crítica radical e irónica de la civilización y el capitalismo europeos, en el momento en que se vislumbra la Primera Guerra Mundial.

Palabras clave: Han Ryner. *Les Pacifiques*. Anarquismo individualista. Utopías libertarias.

LES PACIFIQUES (1914) BY HAN RYNER: ANTI-AUTHORITARIAN UTOPIAS AND INDIVIDUALIST ANARCHISM

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on Han Ryner's *Les Pacifiques (The Pacifists)*, published in 1914, seeking to highlight the intersections between anti-authoritarian literary utopias and individualist anarchism. The imagined libertarian utopia was established on the island of



Atlantis and is characterized by the absence of the state, the inexistence of private property, the sharing of goods, advanced technology, free love, and harmonious coexistence between human beings and nature. This utopia presents an educational political dimension in its own organization. On the other hand, it also constitutes a space for demonstrating libertarian educational experiments. The displacement brought by the cognitive estrangement triggered by this egalitarian society, based on the individualist philosophy of harmony advocated by Ryner, allows a radical and ironic critique of European civilization and capitalism, at the moment that World War I is on the horizon.

Keywords: Han Ryner. *Les Pacifiques*. Individualist anarchism. Libertarian utopias.

LES PACIFIQUES (1914) DE HAN RYNER: UTOPIES ANTI-AUTORITAIRES ET ANARCHISME INDIVIDUALISTE

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est de réfléchir sur *Les Pacifiques* de Han Ryner, publié en 1914, en cherchant à mettre en relief les croisements entre les utopies littéraires anti-autoritaires et l'anarchisme individualiste. L'utopie libertaire imaginée a été établie sur l'île d'Atlantis et se caractérise par l'absence d'État, l'inexistence de propriété privée, le partage des biens, la technologie de pointe, l'amour libre et la coexistence harmonieuse entre les êtres humains et la nature. Cette utopie a une dimension politique éducative dans son organisation propre, mais elle constitue aussi un espace de démonstration d'expérimentations éducatives libertaires. Le déplacement apporté par l'éloignement cognitif provoqué par cette société égalitaire, fondé sur la philosophie individualiste de l'harmonie prônée par Ryner, permet une critique radicale et ironique de la civilisation et du capitalisme européens, au moment où la Première Guerre Mondiale se profile à l'horizon.

Mots-clés: Han Ryner. *Les Pacifiques*. Anarchisme individualiste. Utopies libertaires.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar a obra *Les Pacifiques (Os Pacíficos)*¹, publicada em 1914, do escritor anarquista individualista Han Ryner, considerando as relações estabelecidas pelo autor entre utopias literárias antiautoritárias e anarquismo individualista, ressaltando o papel político educativo destas utopias e a própria presença da educação libertária nessas sociedades imaginadas.

A obra *Les Pacifiques* se constituiu em uma utopia anarquista de cunho pacifista elaborada no alvorecer da primeira guerra mundial. Ela se apresenta como uma irônica crítica aos padrões civilizacionais europeus ao contrapor uma sociedade formada pela resistência não violenta aos desígnios autoritários e beligerantes dos estados nacionais. A sociedade Atlante,

¹ Neste artigo as citações se referirão à tradução e edição inglesa realizada em 2014 por Brian Stableford (RYNER, 2014). A tradução inglesa, foi cotejada com o original francês de 1914 (RYNER, 1914).



nela representada, é baseada na fraternidade, no compartilhamento amoroso de bens, ideias e desejos, permeada por uma educação libertária. A profunda reestruturação social conduziu a uma nova linguagem e a uma nova tecnologia capaz de trazer abundância para todos e produzir artefatos como o oneirogênio e o pantoscópio.

UTOPIA E ANARQUISMO

O livro *Os Pacíficos*, publicado originalmente em 1914, é uma utopia anarquista. Seguindo a definição de Lyman Tower Sargent (2005), Utopia é uma sociedade não existente descrita em considerável detalhe e normalmente localizada no tempo e no espaço. Podemos dizer que, de forma geral, o utopianismo está presente em diversas sociedades como um sonhar social de uma melhor maneira de viver, localizado no presente, no passado ou no futuro. Para Ernst Bloch, em seu livro *Princípio da Esperança*, “uma hermenêutica utópica constrói prefigurações fragmentárias de um futuro desalienado nos artefatos culturais do passado e do presente” (BLOCH *apud* FREEDMAN, 2000, p. 76). A utopia é um elemento importante de crítica social do presente e, ao mesmo tempo, uma prática política, que procura indicar caminhos alternativos de plenitude. O objetivo último da utopia é a transformação social, através da introdução do novum, uma novidade radical que proporciona um sentimento de estranhamento da realidade, e altera potencialmente o entorno criando a possibilidade de um mundo novo. Portanto, a utopia não é o domínio do impossível, mas aquela que explora “o espaço entre o possível e o impossível”, marcada pelo critério da plausibilidade (CLAYES, 2013, p. 15)

Aqui não trataremos da utopia de maneira geral e de suas manifestações na arquitetura, no design, na política, na religião, mas da utopia como gênero literário, ou seja, como espaço enraizado histórica e socialmente, onde as “possibilidades laterais acabam em representação de um mundo específico, organizado [...] uma série de quadros imaginários de um ideal construtivo da vida em sociedade supostamente realizado e apresentado no marco de um relato” (TROUSSON, 1995, p. 42).

Nas utopias literárias, como veremos na obra *Os Pacíficos*, transparecem algumas das características marcantes do gênero, como o insularismo, ou seja, uma cidade ou comunidade isolada em meio ao oceano, na selva, nas montanhas, em desertos, em subterrâneos, que protege a cidade/comunidade de ser corrompida ou dissolvida pelas forças exteriores e garante o desenvolvimento de sua autonomia. Frequentemente estas comunidades possuem uma economia fechada, na qual o comércio ocupa um papel marginal e a agricultura costuma se



destacar. A utopia pode ser dinâmica ou estática, contudo, sua ordem estagnada ou mutante costuma ser estabelecida pela figura do legislador. As transformações incitadas por esse personagem levam a algum grau de uniformidade social, com a igualdade dos cidadãos e a supressão das classes sociais. Também se ressalta o caráter coletivista das utopias, onde geralmente as famílias desaparecem, o casamento tem um papel secundário e a propriedade privada inexistente, ocorrendo uma justa partilha dos bens. Para a constituição de tal sociedade, a educação é central, sendo uma forma de ação direta de constituição dos sujeitos e emancipação das suas consciências (TROUSSON, 1995).

As utopias procuram circunscrever a natureza, abrindo espaço para a exaltação das técnicas e da tecnologia como espetáculos da construção humana, de sua capacidade criativa e da negação de qualquer forma de transcendência. Segundo Trousson, “a redenção que propõe o utopista é uma redenção do homem pelo homem, nascida de um sentimento trágico da história e de uma vontade de dirigir seu curso” (TROUSSON, 1995, p. 53). Raymond Williams nos chama atenção para a importância das utopias como espaço de criação de sociedades e de imagens alternativas, enraizadas em “precisas situações sociais e de classe” (WILLIAMS, 2005, p. 200). É neste sentido que Williams observa que uma utopia pode ser fruto de uma “transformação desejada”, a qual pode ser inspirada por um espírito científico ou tecnológico de uma comunidade, o qual está subordinado a uma “ênfase dominante na transformação social ou política” (WILLIAMS, 2005, p. 197). Opostamente, pode assumir o caráter de uma “transformação tecnológica” a qual tem direta relação com a ciência aplicada e assume um caráter de determinismo tecnológico, ou seja, a agência social perde espaço para a instrumentalização (WILLIAMS, 2005, p. 198). As utopias permitem, no dizer de Baczkó, que “os sonhos sociais, individuais e coletivos tomam consciência nas e graças as utopias; se organizem em conjuntos coerentes de ideias-imagens de uma sociedade-outra, em oposição e em ruptura com a ordem dominante (BACZKO *apud* COLOMBO, 2002, p. 223).

Gostaríamos de situar que a utopia *Os Pacíficos* foi escrita em 1914, um momento de dissolução das certezas, de desconstrução das esperanças nos projetos imperialistas de conquista e abundância, permeados por uma ideologia da civilização caracterizada por uma crença absoluta no progresso técnico e científico. Este é um momento em que a “reação utópica ao progresso” torna-se um tema central, opondo-se ao otimismo “desenfreado” reinante no século XIX, “em que um entendimento maior da força da natureza-pela descoberta da radiação, da eletricidade e da refrigeração - e os avanços na medicina, no cultivo de alimentos e no controle natal pareciam promover afluência universal e maior longevidade” (CLAYES, 2013, p. 154). Este momento de inflexão é percebido por diversos grupos sociais como de potencial



transformação da ordem dominante, de defesa utópica da justiça social e política, de reorganização igualitária do trabalho e de combate ao capitalismo, o que efetivamente se faria em poucos anos através dos movimentos sociais e revolucionários, como a revolução Russa de 1917.

Era um momento fértil, nas palavras de Williams, para “um anarquismo: positivo na sua feroz rejeição da dominação, repressão e manipulação; negativo na sua desejada negligência das estruturas, da continuidade das restrições materiais” (WILLIAMS, 2005, p. 203). A utopia anarquista se constituiu em um esforço de visualização de culturas alternativas, que neguem a ideologia do progresso em seu viciado determinismo tecnológico, propondo, como veremos, um desenvolvimento orgânico em que a tecnologia e a ciência continuam a ocupar um papel relevante, contudo, circunstanciado pelo desejo de liberdade e felicidade da coletividade ácrata. A utopia anarquista empreende um combate por um diferente imaginário, alternativo e opositor ao hegemônico.

É importante observar que o anarquismo tem estabelecido uma posição antinômica sobre as utopias. Por um lado, como observado por Ruth Kinna, o anarquismo clássico, na passagem do século XIX para o XX, considera que as utopias podem ser potencialmente contrárias aos ideais anarquistas, especialmente aquelas que propõem uma perfeição moral absoluta ou prescrevem uma ordem social. Nas palavras de Rocker, o anarquismo não oferece, “nenhuma solução patente para todos os problemas humanos, nenhuma Utopia de uma ordem social perfeita... portanto por princípio ele rejeita todos os esquemas e conceitos absolutos” (ROCKER *apud* KINNA, 2009, p. 4). Neste sentido, as proposições de uma ordem social ideal eram criticadas como falansteristas, pois ao enfatizar uma arquitetura social específica, enfraqueciam a ênfase na construção comunitária da sociedade e na visão libertária, expressa por Volterine de Cleyre, de que só a “liberdade e o experimento podem determinar as melhores formas de sociedade” (CLEYRE *apud* KINNA, 2009, p. 4). Por outro lado, autores como Martin Buber, apontam para as aproximações entre anarquismo e utopia, como por exemplo, na ênfase no tema utópico da imanência. Kropotkin (2009) indicava na sua obra *Ajuda Mútua*, publicada originalmente em 1902, a tendência humana para a cooperação espontânea objetivando o benefício mútuo. Portanto, para Kropotkin, a possibilidade revolucionária da mudança tem como uma das suas prefigurações, a potencialidade já existente nas práticas associativas de cooperação humana. Para Honeyweel, o anarquismo é marcado pela “prefiguração ética de que as ações do presente devem incorporar suas metas para o futuro” (HONEYWELL, 2007, p. 244). Assim, anarquismo e utopia percebem que as formas sociais



desejadas estão imanentes na sociedade, o que reforçaria a necessidade de esforços imediatos para a construção das mudanças sociais.

Os anarquistas refutam as utopias de caráter autoritário, ou seja, aquelas que uniformizam comportamentos, reprimem as individualidades em prol do coletivo, fortalecem o papel do estado e dos seus agentes como reguladores das relações sociais, e que aceitam, para fora das suas fronteiras, a guerra como um componente natural das relações internacionais. Por outro lado, no dizer da pesquisadora anarquista Maria Berneri, os anarquistas apoiam aquelas,

que se opõem ao conceito de estado centralizado, aquelas de uma federação de comunidades livres, onde o indivíduo pode expressar sua personalidade sem ser submetido a censura de um código artificial, onde a liberdade não é uma palavra abstrata mas manifesta-se concretamente no trabalho, seja do pintor seja do pedreiro. Estas utopias não estão preocupadas com a estrutura morta da organização da sociedade, mas com os ideais sobre os quais uma nova sociedade pode ser construída. (BERNERI, 1962, p. 27).

O anarquismo também percebe na utopia não autoritária possibilidades educativas, seja na necessidade de um planejamento mínimo para a mudança revolucionária, seja na concepção de que o primeiro passo para a liberdade é a educação (KINNA, 2009, p.5). A utopia é considerada por autores anarquistas tão distintos como Landauer e Kropotkin como “uma ferramenta para considerar as possibilidades do socialismo e elaborar os princípios de uma organização anarquista” (KINNA, 2009, p. 25). Para eles, “o utopianismo era uma parte essencial da luta revolucionária” (KINNA, 2009, p. 30).

HAN RYNER: UM INDIVIDUALISTA ANARQUISTA

Han Ryner (1861-1938) foi um filósofo e anarquista individualista francês. Publicou um grande número de poesias, contos, novelas, peças teatrais e ensaios filosóficos, dentre os mais conhecidos estão: *Manual Filosófico individualista* (1903), *A Esfinge Vermelha* (1905), *O Quinto Evangelho* (1911), *Homem formiga* (1910), *Os filhos do silêncio* (1911), *O autodidata* (1926), *O amor plural* (1927), *Os Super humanos* (1929), *Os Pacíficos* (1914). Nas primeiras décadas do século XX, seus textos eram publicados pela imprensa anarquista e tinham grande repercussão nos meios intelectuais franceses. Em uma eleição promovida pela Academia Goncourt, entre os escritores franceses, Ryner foi nomeado o “príncipe dos narradores filosóficos” (NEVES, 1966, p. 6).

Mitchel Abidor (2019), ao apresentar e problematizar o anarquismo individualista



francês no início do século XX, argumenta que o seu desenvolvimento no território francês, é uma resposta aos fracassos e repercussões das revoluções ocorridas ao longo do século XIX. Para ele, uma das reações foi, por um lado, a radicalização da corrente revolucionária anarquista e, por outro, a ascensão da corrente individualista que criticava a ilusão revolucionária em nome de um futuro hipotético e defendia a possibilidade de libertação no presente, “uma libertação ao alcance de todos neste momento” (ABIDOR, 2019, p. 5). São exemplares desta corrente, pensadores e ativistas como Albert Libertad, Émile Armand, Anna Mahé, André Lorulot e Han Ryner. Algumas características convergentes dentro da miríade de posicionamentos entre os individualistas libertários, seriam, segundo Abidor: a visão de absoluta primazia do indivíduo; a recusa à autoridade; uma crítica contundente ao estado, mas também à sociedade e suas organizações que oprimiam os indivíduos; um certo culto à ciência, pois “era essencial aos individualistas compreenderem a ciência e as leis da natureza porque a própria humanidade era parte da natureza” (ABIDOR, 2019, p. 5); um desprezo elitista pelo conformismo das massas, porém, acompanhado por um interesse em educá-las, o que foi expresso em um conjunto de experimentos educacionais como as *Causeries Populaires*², fundadas por Albert Libertad, além das conferências populares e dos artigos educativos nos diversos jornais publicados por esta corrente como *l'anarchie* e *L'Idée Libre*.

Han Ryner se considerava um “filósofo do individualismo de harmonia”. Na sua obra *Manual Filosófico do Individualismo*, publicada originalmente em 1909, explica que o individualismo é uma filosofia prática que não faz sentido se não for praticada. Assim, um individualista necessita fazer concordar os seus atos com as suas opiniões, para estar em harmonia. Ele é aquele que “com maior frequência se aparta do rebanho”, e que “numa época de grande religiosidade se mostra ímpio, e num período de civismo sabe rir da cidade ou denunciar os crimes da pátria” (RYNER, 1966, p. 31). O anarquismo individualista de Ryner, apesar de marcado pela postura característica desta corrente de recusa da autoridade, inclusive a textual, baseia-se livremente nos textos e práticas de Epicuro, Epícteto, Jesus e Sócrates, considerados como os mais puros e compreensíveis individualistas. Sofreu, ainda, a influência de pensadores como Tólstoi e Gandhi, especialmente no que se refere às ideias de desobediência civil e resistência passiva. Ryner se diferenciava fortemente de pensadores individualistas que considerava como apologistas da força e da agressividade como Nietzsche, defendendo os

² As *Causerie Populaires* foram um circuito de pequenos grupos de discussões regulares de temáticas anarquistas que procuravam ser espaços abertos a “palavra e a análise dos participantes” (LENOIR, 2018, p. 17). O primeiro *Causerie Populaire* foi criado por Albert Libertad e Paraf-Javal em 1902, na rua Chevalier de la Barre em Montmartre, e seria seguido pela criação de outros grupos assemelhados em Paris e arredores (PARRY, 2016).



princípios do amor plural e da fraternidade universal, harmonizando individualismo e comunismo, marcando as suas obras pelo

sonho duma sociedade livre, igual e fraterna, onde a caridade seja substituída pela justiça, as horas de trabalho pouco numerosas repartidas entre todos, o descanso e o pão gratuitos, os povos confraternizando como irmãos, na comunhão da paz mundial, na terra Prometida da Igualdade- enfim o sonho dos anarquistas. (NEVES, 1966, p. 21).

UTOPIA PACIFISTA

Na obra *Os pacíficos*, Ryner recorre consciente e habilmente à tradição do gênero literário utópico para propagandear seus ideais anarquistas individualistas e problematizar a guerra que se anunciava, justificada pelos princípios civilizacionais europeus.

Na novela, um navio francês com mais de quarenta pessoas a bordo é danificado e fica à deriva no mar dos sargaços, acabando por ser resgatado pelos atlantes. Han Ryner, um consumado classicista, recorre aos relatos de Platão em *Tímeu* e *Criteu* e, também a tradição utópica do insularismo, ao narrar que a Ilha de Atlântida teria sido separada do continente europeu há mais de 11 mil anos, seguindo um desenvolvimento autônomo que a conduzira a uma organização anarquista.

A história tem como narrador, Jacques, um nome aleatório, escolhido, segundo ele, para ocultar a sua real identidade, procurando, assim, evitar danos a sua carreira política como futuro deputado socialista na assembleia nacional francesa. Cada naufrago é recebido fraternalmente por um atlante em sua própria casa. Jacques é recebido por Makima.

Para explicar as mudanças ocorridas na sociedade atlante, é utilizado o subterfúgio de uma visita de Jacques e Makima à grande pirâmide, onde vive o historiador Nakchatra que possui uma coleção de artefatos e máquinas organizados em ordem cronológica. Desta forma, ficamos sabendo que Atlântida teve uma idade do bronze, seguida por uma de objetos de ferro, ouro, prata e orichalcum, um metal precioso originário da Atlântida. No primeiro andar da pirâmide encontram-se bicicletas e automóveis. Quatro mil anos depois da “separação afortunada” do continente, iniciou-se a era da eletricidade, seguida, após mil anos, pela era da radioatividade, que foi, também, o tempo dos balões dirigíveis de diversos formatos. Este período foi sucedido pelo da energia solar e seus captadores. As máquinas presentes neste andar não são mais compreensíveis para Jacques, que fragmentariamente descreve seres híbridos, indefiníveis humanos ou animais, entidades de metal. Nos oito mil anos após a separação, a Sindinâmica ocupa o lugar da energia fonte, com seus “monstros apocalípticos” (RYNER,



2014, p. 137) sendo ainda mais incompreensíveis para a percepção de Jacques. Por fim, dois mil anos antes da chegada de Jaques à Atlântida, a Pandinâmica tornou-se a energia de aplicação universal, que passou a ser conhecida por “A Força” (RYNER, 2014, p. 138). A este último período correspondem as principais características tecnológicas antevistas por Jacques na ilha, ou seja, os cintos voadores, o pantoscópio, o oinerogêneo.

Ryner, nas primeiras décadas do século XX, está imerso em um contexto de profundas transformações nas perspectivas potenciais de utilização de fontes energéticas. Neste contexto, ele assiste o desenvolvimento de usinas hidroelétricas e termoelétricas, a utilização da radioatividade para fins médicos como o raio-x, as primeiras experiências com o uso da energia solar, a utilização da eletricidade para a iluminação urbana, o desenvolvimento do fonógrafo e a transmissão radiofônica. A unificação energética que transparece nos objetos antevistos por Han Ryner em seu romance, parece dialogar com possibilidades como aquelas antevistas, por exemplo, por Tesla em seus experimentos de transmissão de mensagens e energia elétrica sem fio, através do uso das ondas estacionárias (CARLSON, 2013). Ryner, em seu imaginário pantoscópio, parece emular o desejo de uma forma de transmissão à distância, que pudesse materializar imagens e sons. Os seus cintos voadores também funcionam através de uma fonte de energia transmitida pelo ar, sem outras fontes físicas de materialização.

A história, aparentemente tradicional, da mudança tecnológica ocorrida em Atlântida, em sua irônica perspectiva evolutiva, é subsidiária de uma narrativa mais central para Makima acerca do processo de transformações sociais conquistadas pelos atlantes. Ryner, apesar de narrar a transformação tecnológica, enfatiza em seu texto a transformação desejada, aquela que é fruto de uma agência social. Makima conta que após a “grande separação”, Atlântida se dividiu em diversos reinados, os quais, após diversas batalhas, resistiram à república de Diaprepeda que depôs o seu rei e o império de Azaid. Por dois mil anos as diferentes formas de governo permaneceram, apesar de terem como ponto em comum, que “em ambas, umas poucas pessoas ricas possuíam tudo” e que “eles faziam o pobre trabalhar para seu lucro, e deixavam para eles uma pequena parte dos frutos do trabalho” (RYNER, 2014, p. 148). Os pobres eram desprezados, com uma linguagem tipicamente neomalthusiana como “excesso de população” ou “escumalha populacional”, fadados a morrer na infância ou a sofrer uma difícil vida de privações” (RYNER, 2014, p. 148-149). Obviamente existiram revoltas, contudo, os exércitos estavam sempre prontos para esmagá-las. Nas palavras de um escritor político da época, Arvakova, “a guerra é um para-raios levantado sobre o templo habitado pelos ricos” (RYNER, p. 149).

Neste contexto aparece a figura do legislador utópico, Nelti, o pregador da força do



amor. Ele ia pelas cidades predicando,

Como a violência pode destruir o princípio da violência? Seja gentil e indomável. Não mate ninguém, não fira ninguém. Permita que lhe firam, permita que lhe matem, sem dar um passo para trás e sem um lamento de dor. Nunca comande e nunca obedeça. Não trabalhe para quem não faz nada. Aprenda que há apenas uma forma de trabalho e que ele é feito com as mãos. Quando você estiver com fome, vá pegar o que você precisa para se saciar no campo mais próximo. Todos os campos pertencem a você, assim como aos pássaros do ar. (RYNER, 2014, p. 150).

Logo, muitas pessoas começaram a seguir este programa libertário pacifista, antiautoritário, marcado pela desobediência civil e pelo socialismo. Os ricos e os governos mandaram seus exércitos contra esta população, que resistiu passivamente. Os soldados, após algumas carnificinas, gradativamente largaram as armas e se uniram aos rebelados. Em 20 anos não havia mais soldados, escravos ou assalariados, estando todos imersos na grande fraternidade humana, brincando e trabalhando na terra purificada. Um milênio após esta transformação, as cidades, por sua vez, foram extintas graças à luta empreendida pelos urbicidas, inicialmente liderados por Abitanis, um simples membro da fraternidade da coleta de lixo, que denunciou o venenoso ambiente urbano. Desta forma, gradualmente, houve o abandono das cidades pelo meio rural/natural.

Constituiu-se, portanto, em Atlântida, uma sociedade sem estado e sem imposição de hierarquias ou organizações. Uma sociedade sem classes, de caráter coletivista. Nesta nova comunidade, predominava o amor livre e sem limites, o que inclui o amor pelos animais, vistos como iguais, e a consequente opção pelo vegetarianismo. Essa vida harmônica é demonstrada na novela através da convivência integral entre seres humanos e natureza. Makima, por exemplo, é capaz de conversar com alguns animais, como os macacos, que vivem em total reciprocidade e sem temer os humanos. Neste ambiente, as plantas são desenvolvidas ao seu máximo, para alimentar os seres humanos, assim como rios e florestas estão em sua plenitude. Segundo Makima, o progresso científico, o excessivo desenvolvimento material e a obstinação pela multiplicação das riquezas, marcadores da civilização, não poderia mais fazer mal àquela sociedade.

Observe-se que a renúncia à vida urbana e a ênfase no convívio harmônico com a natureza, não implica a opção de Han Ryner por um anarco-primitivismo. Makima é um trabalhador especializado em horticultura, e além da abundância de alimentos, esta comunidade desenvolve tecnologias avançadas como os já citados cintos voadores, o pantoscópio e o oneirogêneo, ademais de possuir fábricas. Makima apresenta a Jacques a fraternidade do papel,



ou seja, os irmãos que fabricam papel para o uso comunitário e depois os colocam em um depósito, para que dele todos possam usufruir. Os cintos voadores são utilizados para deslocamentos cotidianos e possuem uma especial função quando dos rituais amorosos realizados nos finais das tardes, quando milhares de pessoas, reunidos em mil círculos concêntricos, se encontram e, como que valsando, casais são conduzidos em direção “ ao céu estrelado” para se amarem. O pantoscópio³, por sua vez, tem diversas funções, entre elas a possibilidade de localizar e imprimir qualquer livro ou jornal do mundo, mantendo os atlantes em contato com a realidade dos “civilizados”, por ele chamados, de “cruéis”. O pantoscópio também permite a visualização unilateral, sem contato sonoro, de qualquer parte do mundo, capacidade que é utilizada por Jacques para matar as saudades de seus pais.

O oneirogêneo⁴ é utilizado para a satisfação dos desejos oníricos das pessoas ou, dialeticamente, para sua transição para a morte. Na novela, ele é usado em duas situações. A primeira, por sugestão de Makima, uma fracassada tentativa de amenização da insatisfação de Jacques para com a negativa de sua investida amorosa com Meloe. A experiência de Jacques no oneirogêneo é marcado por uma dimensão psicanalítica. Ryner dialoga com as tradições simbolistas no seu fascínio pelos sonhos, mas, também, com a senda aberta por Freud, na sua obra *A interpretação dos sonhos*, publicada em 1900 (FREUD, 2018). Charles Baudouin (2015, p. 32), em texto publicado originalmente em 1922, também comenta que Han Ryner, como pensador, era simpático à psicanálise. Ryner, segundo Theresa Papanikolas (2017), antecipara a popularidade crescente de Freud e da psicanálise no pós-guerra na França, e também a interpretação individualista de Freud posteriormente empreendida pelos surrealistas⁵.

Makima explica, ao adentrar na máquina, que Jacques só precisaria expressar através de palavras os seus desejos e o sonho especificado o circundaria. Contudo, a experiência de Jacques é marcada por uma trajetória labiríntica de livre associação. Ryner parece fazer uma experimentação poética com sua visão da psicanálise freudiana expressa no seu artigo de 1920:

Freud tinha confiança na associação livre que vem espontaneamente a mente; ele perseguia o caminho das ideias que passavam através da mente sem direção ou aparentes conexões e davam saltos como um conto de fadas. Freud em breve notou que estas associações livres simplesmente seguiam outras leis

³ Aqui Ryner amplia a função do pantoscópio, aparelho fotográfico existente no período e que permitia a elaboração de panoramas.

⁴ Observe-se que Ryner nomeia o seu aparelho com um termo que remete por um lado aos produtos que poderiam alterar os estados de consciência e, por outro, ao interesse, partilhado por muitos intelectuais, como os simbolistas, sobre os significados e papéis dos sonhos.

⁵ Observe-se que a própria psicanálise no seu processo de constituição, também foi influenciada pelas heterodoxas sínteses libertárias, na original proposta de compreensão das relações entre o social e a subjetividade do indivíduo como empreendidas pelo anarquista Otto Gross (2017).



que não aquelas da lógica e do pensamento consciente e que elas revelavam para nós um outro mundo da mente. (RYNER *apud* PAPANIKOLAS, 2017, p. 156).

Desta forma, Jacques inicia sua jornada onírica desejando estar com a sua família, a mãe, o pai e a irmã na mesa de jantar. No sonho, sua mãe desfalece com a surpresa da presença do filho. Jacques reage a esta inesperada reação com o desejo, “minha mãe está voltando a consciência” (RYNER, 2014, p. 282). O sonho desdobra-se em um profundo e prazeroso enlace amoroso entre os familiares, “um harmonioso movimento de quatro amores se reunindo novamente” (RYNER, 2014, p. 282). Todavia, este sentimento de “banho de amor” é seguido por um avassalador sentimento de ansiedade e o questionamento, “Até onde o sonho se estende?” (RYNER, 2014, p. 283). Esta indagação o conduz ao sentimento de morte e ao pesadelo de ser enterrado, sendo tomado por visões do seu corpo devorado pelos vermes, do qual só consegue sair quando, induzido pela memória e por um “desejo inconsciente”, ele visualiza Meloe. Ela sentencia, “A morte é um terrível pesadelo... sim, para os vivos” (RYNER, 2014, p. 283). Contrastando e complementando estes dois primeiros momentos, de fortes dimensões psicanalíticas, de amor e morte, culpa e angústia, segue-se um sonho que mistura, erotismo e violência, desejo e poder. Nele, Jacques ordena que Meloe se vista e deixe de ser uma atlante nua e livre, pois “uma mulher pertence a pátria do seu mestre” (RYNER, 2014, p. 284). Assim, Jacques caminha pelas ruas de Paris acompanhado por uma Meloe trajada com um vestido de seda, com um penteado parisiense e com um elegante chapéu, para a inveja de homens e mulheres da cidade. Contudo, mesmo no sonho, Meloe afirma sentir saudades da liberdade da vida atlante, o que leva a uma explosão de raiva por Jaques que a submete oniricamente a uma sessão de sadismo, dando vazão ao seu desejo de submetê-la, utilizando-se da violência para incrementar seu poder e prazer: “Eu sou o mestre, e Meloe a escrava. Tire sua vestimenta, Meloe. Ofereça-se nua para o chicote de Iorarius. Os golpes irão marcar você como um animal rebelde. Eu irei, então, possuir seu corpo despido” (RYNER, 2014, p. 285). Após um longo período apreciando seu “ódio amoroso”, Jacques percebe que tudo não passou de uma ilusão e, irritado, pressiona o botão para sair do aparelho. Makima fica surpreso pela insatisfação de Jacques após a sua experiência no oneirogêneo e exclama “você é hostil, mesmo no amor” (RYNER, 2014, p. 285).

O segundo uso do oneirogêneo no romance se dá quando Tacmar, com 123 anos, para ele se dirige para realizar uma onírica e suave transição para a morte. Este processo de eutanásia é anunciado para a comunidade nos letreiros das residências piramidais e acompanhada por seus amigos pelo pantoscópio. Sonho e morte se unem em um consciente e tranquilo adeus.



Esta organicidade entre ciência, tecnologia e vida na sociedade atlante, como apresentada no romance, surge como uma crítica contundente à separação entre ciência e vida e a interiorização inconsciente pelas pessoas da lógica de poder e dominação presentes no capitalismo e na própria civilização ocidental.

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

O processo educacional existente em Atlântida é coletivo e libertário. No romance, Ryner dialoga com a tradição utópica e libertária da centralidade da educação como elemento de constituição de consciências livres e emancipadas. No capítulo X do livro, trinta crianças se dirigem ao local em que Makima se encontra. Jacques, intrigado, indaga sobre o que se tratava, e Makima explica que eles eram seus pupilos. Perguntado se era um professor, ele responde que era um professor como todos os outros. Comenta que na sociedade Atlante, “As coisas materiais pertencem a quem delas necessita, então eu tenho apenas uma espécie de riqueza para dar: eu mesmo; e apenas uma para receber: os outros” (RYNER, 2014, p. 215). Desta forma, ele poeticamente define que está disposto a conceder, com generosidade, beijos e ciência para quem o ama suficientemente para pedir. Ryner realiza um deslocamento, caracteristicamente individualista, ao não estabelecer nesta sociedade uma instituição escolar formal. Expressa, assim, através de Makima, o princípio anarquista de que a educação é um processo coletivo com a participação simétrica de todos os envolvidos. A aula é ao ar livre, radicalizando a crítica anarquista individualista às limitações impostas pelo confinamento dos corpos nos espaços escolares e fortalecendo a comum ênfase libertária na pedagogia ativa da descoberta, na educação racional e científica baseada na observação, na experimentação e no livre exame (LENOIR; GAMBART, 2018).

Makima tenta explicar aos alunos um pouco da realidade da sociedade de Jacques. Por exemplo, comenta a pouca diversidade de frutas e flores, que corresponderia a uma persistente pobreza da sociedade francesa. Procura explicar, sem encontrar os termos adequados, o que significava ser um trabalhador, pois as crianças se recusavam a acreditar que os frutos do trabalho não pertenciam, na França, nem a quem produz ou a quem necessita, mas sim aos parasitas que os exploram. Não conseguiram captar como aquele que planta o trigo fica sem o pão e o pedreiro que constrói edificações, pode terminar sua vida sem uma habitação. Makima, também tentou, em vão, fazer as crianças entenderem conceitos como governo, nação, organização social. Ele não conseguiu comunicar de modo convincente como a avidez insana por riquezas pode levar uma sociedade à pobreza, e como, ao invés das pessoas unirem-se para



superar as adversidades postas pela natureza, preferiam competir e destruir aos outros. As crianças apresentaram dificuldade em compreender conceitos como soldado, exército, guerra, o porquê de jovens perderem seus anos de formação, “aprendendo a arte de matar seus semelhantes e a arte de obedecer seus iguais” (RYNER, 2014, p. 216).

Na aula seguinte, Makima utiliza um *Manual de Morale Civique* para falar sobre de que se tratava uma eleição. As crianças acharam engraçada e incompreensível a noção do voto. Também ficam intrigadas que Jaques, que “não parece tão estúpido”, tenha cumprido sua “obrigação cívica”. Perguntam se ele tinha sido treinado para matar outras pessoas e se tinha ido à uma guerra. Jacques responde que sim, tinha participado de uma guerra desimportante contra “selvagens”. Questionado sobre o que significava este termo, ele responde que eram pessoas “mais fracas e menos malvadas que os franceses” (RYNER, 2014, p. 222). As crianças, espantadas, perguntam se eles eram mortos para serem punidos por serem mais fracos e moderados, ao que ele, enfaticamente, responde “Eles são mortos de forma a civilizá-los!” (RYNER, 2014, p. 222). Uma das crianças, uma menina chamada Telos, diz que não estava entendendo nada e Jaques, didaticamente, explica que os selvagens eram como crianças desobedientes que precisavam ser corrigidas. Ao colocar o questionamento na voz de uma menina, Ryner chama a atenção para a importância da coeducação igualitária, princípio educacional defendido pelos libertários (LENOIR, 2015).

Telos, novamente, questiona se, para obedecer, as pessoas têm que ser ordenadas a fazerem algo, ao que Jaques responde afirmativamente. Telos replica, “mas é mau comandar. E se uma pessoa louca comanda é mau obedecer. Explique para mim porquê crianças e pessoas fracas devem obedecer” (RYNER, 2014, p. 223). Na falta de resposta, Jaques afirma que Telos o estava aborrecendo e se estivesse na França teria puxado suas orelhas. Telos contesta que Jacques não está na França e pede uma explicação racional. Na falta de maiores argumentos, Telos conclui que “Jacques é muito estúpido. Será necessário educá-lo, Makima” (RYNER, 2014, p. 223). O diálogo expõe a visão autoritária de educação adotada por Jaques, de caráter impositivo e punitivo, voltada para a docilização e disciplinarização do indivíduo. Telos, por sua vez, expressa a visão anarquista de que a educação baseada na razão, no livre exame e no espírito crítico “seria fatal à autoridade” (MAHÉ *apud* LENOIR; GAMBART, 2018, p. 69).

Na aula seguinte, o livro estudado passou a ser o catecismo publicado pela Diocese de Paris. As crianças ficam estupefatas e gargalham com ideias que consideram incongruentes, como quando o catecismo afirma que “há três pessoas, cada uma delas é Deus, e, contudo, há somente um Deus” (RYNER, 2014, p. 227), ou que uma virgem teve um filho. Quando Jacques reage acusando Makima de ser desrespeitoso para com suas crenças e mistérios, Makima



responde que é feliz, pois entre os Atlantes nunca ninguém matou outra pessoa por questões religiosas, e que palavras como inquisição, mártires, torturador são tão vazias de sentido para eles como os mistérios religiosos. Ofendido, Jacques acusa-o de desprezar o que não é Atlante e Makima afirma, “Porque eu amo todos os humanos, eu detesto tudo que deforma e diminui a sua humanidade. Eu detesto ideias intolerantes e falsas, as mães dos sentimentos maldosos” (RYNER, 2014, p. 228). Makima explica que não têm religião, para o horror de Jacques, que pergunta o que os comanda a amar. Desta vez, é Telos quem responde, ressaltando que não é necessária religião para dizer a quem amar, assim como não é necessário dizer a alguém que ela precisa comer pois está faminta. Desta maneira, após a crítica ao Estado e suas instituições, Ryner reafirma a liberdade dos sujeitos a partir de um viés anticlerical.

Ryner tematiza nos embates entre a concepção educacional autoritária de Jacques e a educação libertária das crianças atlantes, a visão dos anarquistas individualistas, de que a “educação deve colocar as crianças em condição de auto-organizar suas aprendizagens, e com o passar do tempo, torná-las não dependentes do saber do mestre, com capacidade de buscar por elas mesmas soluções para os problemas individuais ou sociais” (LENOIR; GAMBART, 2018, p. 73).

UMA UTOPIA REVOLUCIONÁRIA

Jacques, inicialmente seduzido pela alegre e plena vida atlante, após sofrer uma negativa amorosa de Meloe, motivada pela sua insistência em uma ideia patriarcal de relação baseada na objetificação e domínio da mulher pelo homem, e pela sua recusa em se livrar do “odor da morte” - que nele ainda estaria impregnado por ter matado semelhantes na guerra e também por ter se mantido carnívoro-, passa a articular com seus companheiros de naufrágio a conquista da ilha. O seu plano, de um caráter claramente emulador das práticas imperialistas e colonialistas europeias, elaborado com a decisiva participação do capitão do navio, é tomar as armas que são apenas relíquias nos museus atlantes e, em sequência, realizar um ataque surpresa, impondo as estruturas ocidentais de poder, mais exatamente um estado monárquico, com sua lei e sua ordem, aos “bárbaros” atlantes. O ataque se realizou e se transformou em uma carnificina, pois os atlantes, seguindo os conselhos ancestrais de Netil, ofereceram uma resistência passiva, não violenta, entregando-se em imolação. Cansados do massacre e intimidados pelo povo vizinho de Barbidran, os franceses são derrotados e reenviados de maneira segura para o mar de sargaços, onde, após alguns dias, são recolhidos por um navio.

Jacques, já na França e candidato ao parlamento, escreve seu relato anonimamente, onde



declara que sonhar utopias é um veneno para um verdadeiro francês, pois, “nós precisamos acima de tudo de uma sociedade organizada na qual saibamos nosso lugar. Onde não há classes, uma pessoa é necessariamente a mais desprezível e dolorosa das coisas, desprovido de status” (RYNER, 2014, p. 292). Para ele, nesta sociedade igualitária, “o grande poder humano é suprimido e uma mulher não tem razão para se abrigar em você, seja pela virtude da fome, do medo, ou do sentimento de sua superioridade, ela não tem necessidade de proteção” (RYNER, 2014, p. 293). Este lugar de liberdade, onde não há espaço para a disciplina, para a obediência, para o prazer da dominação, é um “inferno tedioso” de “pessoas de cor escura” (RYNER, 2014, p. 293).

CONCLUSÃO

Ryner leva ao limite a experimentação com o gênero utópico, possibilitando em tempo de guerras, nacionalismos e racismos, um estranhamento cognitivo, uma crítica radical para com a realidade. A proposição de uma sociedade alternativa anárquica é apresentada como podendo ser criada individual e coletivamente a partir da fraternidade, do amor, da partilha cotidiana, e na qual a unidade entre ciência, tecnologia e natureza é um componente possível de um novo e revolucionário imaginário.

Ryner, dialogando com as características do utopismo literário, como o insularismo, o coletivismo, a ruptura com as hierarquias e com a sociedade de classes, a educação emancipatória, a abolição da propriedade privada, entre outras, elabora uma utopia libertária dinâmica e não autoritária, construindo convergências múltiplas com suas visões anarquistas individualistas, demonstrando que não há incompatibilidade absoluta entre anarquismo e utopia. Destas convergências possíveis entre anarquismo individualista e utopias, exploradas por Ryner, o principal destaque no romance é para o caráter político educativo da própria utopia libertária imaginada. Promove um desvelamento irônico das contradições e misérias da civilização capitalista através da contraposição de uma sociedade igualitária possível, e nas suas experimentações radicais com as potencialidades das pedagogias libertárias para a emancipação do coletivo através de indivíduos que passem permanentemente por um intenso aprendizado de si no amor ilimitado ao próximo.

Ryner escreve uma utopia antiautoritária, que não “apresenta um plano pré-fabricado, mas sim ideias audazes e heterodoxas” (BERNERI, 1962, p. 27). Uma utopia coerente com sua filosofia individualista da harmonia ao exigir que “cada homem fosse único e não um entre muitos” (BERNERI, 1962, p. 27).



REFERÊNCIAS

- ABIDOR, Mitchel. **Down With the Law: Anarchist Individualist Writings From Early Twentieth-Century France**. Edinburgh: AK Press, 2019.
- BAUDOIN, Charles Baudouin. **Studies in Psychoanalysis: An Account of Twenty-Seven Concrete Cases Preceded by a Theoretical Exposition**. New York: Routledge, 2015.
- BERNERI, Maria Luisa. **Viaje a través de utopía**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1962.
- CLAYES, Gregory. **Utopia: A História de uma ideia**. São Paulo: SESC, 2013.
- COLOMBO, Eduardo. **El imaginario social**. Nordan-Comunidad: Montevideo 2002.
- FREEDMAN, Carl. **Critical Theory and Science Fiction**. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2000.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GROSS, Otto. **Por uma psicanálise revolucionária: ensaios**. São Paulo: Annablume, 2017.
- HONEYWELL, Carissa. Utopianism and anarchism. **Journal of Political Ideologies**, v. 12, n. 3, p. 239-254, out. 2007.
- JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future**. London; New York: Verso, 2005.
- KINNA, Ruth. Anarchism and the politics of utopia. In: Davis, L. and Kinna, R. (eds.). **Anarchism and Utopianism**. Manchester: Manchester University Press, 2009. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2134/5900>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- LENOIR, Hugues. **Compêndio de Educação Libertária**. São Paulo: Intermezzo, 2015.
- LENOIR, Hugues; GAMBART, Perrine. **Os anarquistas individualistas e a educação (1900-1914)**. São Paulo: Intermezzo, 2018.
- KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- NEVES, Roberto das. Han Ryner, o “Príncipe dos narradores filosóficos”, introdução. In: RYNER, Han. **Manual Filosófico do Individualista**. São Paulo: Germinal, 1966. p. 5-27.
- PAPANIKOLAS, Theresa. **Anarchism and the Advent of Paris Dada: Art and Criticism, 1914-1924**. New York: Routledge, 2016.
- PARRY, Richard. **The Bonnot Gang: The Story of the French Illegalists**. Oakland: PM Press, 2016.
- RYNER, Han. **Manual Filosófico do Individualista**. São Paulo: Germinal, 1966.



RYNER, Han. **O Quinto Evangelho**. São Paulo: Germinal, 1961.

RYNER, Han. The Pacifists. *In*: RYNER, Han. **The Human Ant and Other Stories**. Traduzido por Brian Stableford. Tarzana, CA: Black Coat Press: 2014. p. 183-324.

RYNER, Han. **Les Pacifiques**. Paris: Eugenie Figuière e Cie., 1914.

SARGENT, Lyman Tower. What is a utopia? **Morus**, Campinas, n. 2, p. 153-160, 2005.

TROUSSON, Raymond. **História de La Literatura Utópica**. Barcelona: Península, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and materialism**. London: New York: Verso, 2005.

Recebido em: 30 de julho de 2022.
Aceito em: 15 de dezembro de 2022.